

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Benjamin no 19

Class.: 04

Data: jun-jul/80

Pg.: \_\_\_\_\_



MUITA FARTURA NA MURALHA DE IGAPÓ AMEAÇADA PELA TRANSAMAZÔNICA (BR-230)

## CONTATADO UM GRUPO DESCONHECIDO: OS ÍNDIOS BRINCALHÕES DO COXODOÁ

"Fartura. Muita fartura. Nós vimos grandes plantações imensas pomares de pupunha e abacaxi, numerosas roças. A fartura é tanta que vimos cachos e mais cachos de bananas apodrecendo na própria bananeira". Desta forma, uma equipe de 4 indigenistas da Prelazia de Lábrea, no Amazonas, refere-se a um grupo estimado de 400 índios desconhecidos que vivem em 8 malocas protegidas por uma "muralha" entre os igarapés do Coxodoá e Pretão, no Riozinho, afluente do médio Cuniuá, região do rio Purus com quem mantiveram contato pela primeira vez no dia 8 de maio de 1980.

"Bem nutridos, musculosos, pele bronzeada, rosto denotando alegria permanente e inteligência", esses índios, excelentes agricultores são brincalhões e vivem fazendo "gozação". Odeiam armas de fogo e conhecem a cerâmica. Seu território — uma verdadeira muralha em terra firme, protegida do resto do mundo por várzeas alagadas, igapós e paranás — foi ultrapassado pela primeira vez pela equipe de Gunter Kroemer, Cacilda Andreotti, Astor Heck e Heloisa.

Duas vezes, o SPI tentou contactá-los: em 1930 e 1942, mas não conseguiu. Foram então identificados como índios Marimá. No dia 17 de abril, o CIMI Norte I solicitou da FUNAI a interdição e demarcação da área. Até o final de junho não havia recebido nenhuma resposta. Agora, o território desses índios brincalhões está ameaçado pela BR-230, a continuação da Transamazônica, que corta sua área.

### QUEM SÃO?

A equipe que contactou pela primeira vez com a tribo preferiu chamá-los de "os índios do Coxodoá", referência ao igarapé que conduz à maloca dos índios, mas não se sabe ao certo quem são eles. "Pela lógica estes índios deveriam pertencer ao grupo linguístico Arauak, pois estão numa região habitada por Deni, Jamamadl, Jarauara, Apurinã. Mas pode ser um grupo Pano ou Nauá que avançou pelo Juruá, utilizando as cabeceiras e se metendo como uma cunha no meio de outras nações indígenas", afirma Gunter Kroemer.

Em 1930, uma expedição do defunto SPI chegou perto da área, mas desistiu devido à dificuldade de acesso. A expedição teve por objetivo "fiscalizar a ação dos delegados do baixo rio Purus e demarcar as áreas indígenas" e foi chefiada pelo auxiliar Santana Barros, o fotógrafo Anastácio Queirz e o engenheiro agrônomo Admar Thury, que disse na ocasião: "o rio está cheio demais. Nenhum ser humano entra aí". Ele foi embora e o SPI nunca mais voltou. No entanto, em novo relatório de 1942 o finado SPI insistia em denominar esses índios pelo nome de MARIMÁ, denominação esta que não foi usada por nenhum etnólogo que passou pela região, como Metraux, o Ehrenreich e Beal Sture.

### ÍNDIOS BRINCALHÕES

Os índios do Coxodoá geralmente fazem gozação e tiram brincadeiras com o invasor. Ficam na espreita. Quem conta à Gunter é um sorveiro: ele estava cortando a "ponte" construída pelos índios para passar com a canoa, ouviu um grito guerreiro bem próximo do ouvido. De susto, desmaiou e caiu no rio, senão salvo por três índios. Morrendo de rir, os índios ficaram apalmando o coração do sorveiro para ver se ele estava com medo. Frequentemente, eles apalparam o coração dos 4 indigenistas do CIMI para verificar se estão assustados.

Apesar da brincadeira, os índios do Coxodoá estão dispostos a defender firmemente as suas terras. "Todos os moradores da redondeza falam desta área rica em sorva, esperando o dia de "amansar" os índios para poder "produzir". Quer dizer, "os conflitos são im. entes", revela Gunter.

### GUERREIROS FORTES

"Os índios são de média estatura, bem nutridos, musculosos e de pele bronzeada. No lóbulos usam um

pauzinho. O rosto é bem traçado e mostra um semblante de inteligência e alegria. O corpo todo é pintado de urucum e genipapo, evitando assim a praga de insetos", que por sinal formam uma barreira natural de proteção das áreas indígenas contra a invasão dos intrusos.

"As malocas dos índios — foram localizadas pelo menos oito — estão dentro de um pomar de bananas, pupunha e abacaxi. Em frente há uma praça limpa, e ao redor da maloca encontram-se cestos inutilizados, canteiros de sementes e mudinhas de plantas. As malocas são de forma cônica e enorme", segundo Gunter.

A cerâmica é muito desenvolvida. A equipe observou uma variedade de panelas, vasos, potes de todos os tamanhos, feitos de uma camada fina de barro liso. Não há ornamentação neles.

### BONS AGRICULTORES

"Os índios arredios são bons agricultores. Nós andamos mais de uma hora na roça da primeira maloca: O que mais surpreendeu foram as bananeiras, exibindo seus cachos enormes. Existe tanta fartura que uns cachos estavam apodrecendo no pé. Ao redor da maloca ergue-se um enorme pupunhal. Havia grandes plantações de macaxeira, mandioca, milho, cana-de-açúcar, roçados inteiros de abacaxi, anajás e caju. Não resta dúvida que são totalmente autossuficientes em termos de economia e sobrevivência. Parece que tem consciência disso, evitando todo contato com intrusos civilizados que apesar de sua técnica elevada passam fome", continua Gunter.



Uma das malocas do povo do Coxodoá, cercada por bananeiras

### AUTO-DEFESA: A MURALHA

"A história destes índios deve ser muito sofrida, pois encontram-se num paradeiro quase inacessível. Construíram suas malocas em terra firme, cortada do resto do mundo por várzeas alagadas, por igapós e paranás. Os próprios braços do igarapé Pretão confundem os invasores. A beira do igarapé é mais andada por exploradores sorveiros do que pelos próprios índios, que com leves cortes ou quebradas indicam a rápida presença de caçada ou de pescada", prossegue Gunter Kroemer. Ele explica:

De longe os índios do Coxodoá ficam observando o "avanço do progresso", escutam o barulho de motoserras e a queda de árvores no Riozinho, espiam os motores arrastando jangadas de madeira. Não se mostram. Às vezes, sorveiros encontram fogos apagados ou rastros de pés nas praias. E é só. A não ser que estejam invadindo a área deles perto da maloca. Ai tornam-se índios guerreiros valentes, desarmando os intrusos. E expulsam inexoravelmente. Decerto a experiência os ensinou: Homem branco não deve ser mais que peste e doença, morte e fome.

### A ESTRADA

"Vários sorveiros falaram de uma grande estrada no meio da selva cortando o alto Cuniuá. Ninguém quis acreditar em tais "maravilhas". Mas, consultando o mapa, vê-se o traçado desastroso da BR-230, continuação da Transamazônica-Lábrea-Benjamin Constant. Conforme os depoimentos dos sorveiros, a BR-230 está em plena construção pelo menos em certos trechos. E estes trechos são habitados por comunidades indígenas. Esta mesma estrada também atravessa a área dos índios Jamamadl, cujo projeto de demarcação foram encaminhando à presidência da FUNAI há quase dois anos". (Protocolado sob nº. 003015).

"Somos levados a suspeitar que a lentidão da FUNAI em resolver esses problemas de demarcação de terras prende-se ao fato de a estrada cortar territórios indígenas", aclarou Gunter.

O CIMI encaminhou à FUNAI em Brasília e à 1ª Delegacia Regional o relatório preparado por Gunter Kroemer solicitando a interdição da área indígena dos índios Coxodoá no dia 17 de abril do corrente, antes mesmo do contato. Gunter sobrevoou a área em outubro de 78. O órgão tutelar respondeu que "vai estudar a questão". Este mesmo relatório foi enviado à "survival Internacional". O delegado regional da FUNAI, Kazuto Kavamoto, viajou de licença e a dona Laele, sua substituta, no dia 10 de junho, indagada se ia tomar providências, respondeu secamente: Só Brasília pode interditar a área". Segundo ela a 1ª delegacia não tem autonomia sequer para colocar uma placa informando: "Área futura a ser interditada" (enquanto aguardamos ordens de Brasília).

A equipe indigenista da Prelazia de Lábrea verificou que era urgente a demarcação da área dos índios Coxodoá "em vista da exploração de sorva na terra dos índios e a constante ameaça de contatos não-pacíficos com a população envolvente".

Por diversas vezes, denuncia Gunter, homens armados avançam até perto das malocas afim de explorar a região e extrair o látex da sorva. Assim no igarapé Pretão, um grupo de sorveiros de Canutama sob a chefia de "Tinha" foi expulso pelos índios no mês de março de 78, sendo desarmados e desapropriados de machados, terçados e anzóis".

"Em seguida, o comerciante Chico Severo organizou uma nova empreitada, recrutando homens armados para limpar a área. No mesmo tempo, pelo igarapé do Coxodoá, outro grupo de sorveiros armados com doze espingardas, sob chefia de Adenir, filho de Adriano, "pacificadores dos Deni, penetrou num varadouro dos índios sofrendo a mesma sorte que seus companheiros, sendo desarmados e expulsos".